

F
3:62.2
L864



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO NACIONAL DE DOENÇAS MENTAIS

Â Assistência Hétero-familiar
no
Engenho de Dentro

PELO

DR. ERNANI LOPES

CSEPARATA DOS ANAIS DA COLÔNIA
"GUSTAVO RIEDEL", N. 5. ANO V, 1942

IMPRESA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1943



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO NACIONAL DE DOENÇAS MENTAIS

À Assistênci**a Hétero-familiar**

no

Engenho de Dentro

PELO

DR. ERNANI LOPES

(SEPARATA DOS ANAIS DA COLÔNIA
"GUSTAVO RIEDEL", N. 8. ANO V, 1942)

IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1943

F
360.2
Lopes

B00 344 23

A ASSISTÊNCIA HETERO-FAMILIAR NO ENGENHO DE DENTRO

Pelo Dr. ERNANI LOPES

Diretor da Colônia Gustavo Riedel

A assistência hetero-familiar é a maneira de assistência mais compatível com os princípios de liberdade a que se habituou o homem.

JULIANO MOREIRA

Em o número de janeiro último dos "Arquivos Brasileiros de Higiene Mental", o Dr. Flávio de Souza, esforçado e competente docente e chefe da Clínica Psiquiátrica do Instituto de **Psiquiatria**, publicou interessante e oportuno artigo sobre "Assistência hetero-familiar aos Doentes Mentais", no qual se refere, logo de início, aos "belos planos e bem orientados programas" apresentados por Gustavo Riedel e quem este subscreve, em nossas "tentativas" para solucionar tão relevante problema assistencial. E acrescenta desconhecer "os motivos que determinaram o não desenvolvimento desta bela campanha em benefício da recuperação dos doentes mentais".

A fina cortesia do jovem colega e a generosidade notória das expressões com que distingue a diretoria da Colônia proporcionam-nos ensejo para, endereçando-lhe o nosso agradecimento, traçar algumas breves ponderações sobre o assunto.

Não é possível ocultar, sem embargo, quão delicado se torna por em foco esta questão do "não desenvolvimento" do aludido sistema psicoterapêutico, em nosso meio.

Já em escritos anteriores, publicados nos próprios "Arquivos Brasileiros de Higiene Mental", sobretudo na **resenha-comentário**

SECRETARIA DE SAÚDE E AÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE SAÚDE MENTAL
BRASIL

FIG 3/1/58

da erudita monografia "Da assistência hetero-familiar aos insanos mentais", Belo Horizonte, 1930, do Professor Hermelindo Lopes Rodrigues, tivemos ocasião de dar os motivos pelos quais discordamos do estranho pessimismo de que se apoderaram esse talentoso psiquiatra e seus ilustres colegas, Professor A. C. Pacheco e Silva, de S. Paulo, e Dr. Joaquim Dutra, de Barbacena, em relação às possibilidades da assistência hetero-familiar no Brasil. Será, aliás, mais exato dizer que os dois especialistas citados por último não generalizaram, referindo-se unicamente a condições locais estaduais, de acordo com o ponto de vista de cada um.

Não deve ser outro, também, o nosso pronunciamento, de vez que escrevemos o presente trabalho na qualidade de diretor da Colônia Gustavo Riedel, julgando-nos, assim, obrigado a tratar apenas de iniciativas deste estabelecimento, no concernente à questão.

Permitam-nos, entretanto, apontar, antes de tudo certas razões de ordem geral que impediram a ampliação da "bela campanha", razões que nos decidimos a trazer a público por acreditarmos possa do seu conhecimento advir algum benefício para a assistência hetero-familiar.

Para tanto se faz indispensável uma breve recapitulação histórica.

A assistência hetero-familiar anexa à Colônia de Psicopatas (Mulheres), no Engenho de Dentro, foi uma das grandes criações de Gustavo Riedel, o insuperável realizador da nossa antiga Assistência a Psicopatas, no áureo quinquênio, digamos assim, em que ele se dedicou, de corpo e alma à remodelação da Colônia hoje com o seu nome.

Com uma visão realista do problema, compreendeu Gustavo Riedel não dever iniciar a A.H-F. numa capital como o Rio de Janeiro, senão num *standard* de conforto à altura do meio social carioca, cuja zona suburbana sempre esteve longe de ser o quase-sertão entrevisto por uma literatura derrotista e malévola. E ainda que a zona escolhida deixasse por acaso a desejar como nível de adiantamento, de civilização, enfim, deveria, com maioria de razão, uma iniciativa governamental dessa natureza apresentar-se exemplarmente, afim de influir num sentido educacional sobre a ambiência.

Assim pensando, pois, obteve o eminente alienista, em 1920, do Governo da República fossem construídas, na periferia da Colônia, as duas primeiras casas para o novo serviço, então denominado de Assistência Doméstica. Sua regulamentação, baixada pelo saudoso Ministro Alfredo Pinto, em 24 de maio de 1921, e publicada no *Diário Oficial* de 7 de junho do mesmo ano, era do teor seguinte :

"O Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, em nome do Presidente da República :

Resolve aprovar, e mandar que sejam cumpridas as instruções que com esta baixam, para a assistência doméstica anexa à Colônia de Alienadas no Engenho de Dentro, a que se refere o § 1.º do art. 2.º do regulamento aprovado pelo decreto n. 8.834, de 11 de julho de 1911.

CAPÍTULO I

Dos fins da assistência doméstica

Art. 1.º A Assistência Doméstica tem por fim o tratamento das alienadas da Colônia do Engenho de Dentro que puderem ser segregadas da habitação em comum para ser confiadas aos cuidados das famílias de empregados do estabelecimento, de acordo com o art. 2.º, § 1.º, do regulamento aprovado pelo decreto n. 8.834, de 11 de julho de 1911.

Parágrafo único. Os prédios destinados à Assistência Doméstica poderão ser aproveitados para pensionistas, que pagarão a diária de vinte e cinco mil réis (25\$0), e mais cinco mil réis (5\$0) para a enfermeira a cujos cuidados estiver a doente.

CAPÍTULO II

Dos enfermeiros

Art. 2.º Ao empregado da Colônia que se distinguir pelo seu comportamento, a juízo do respectivo dire-

tor, será permitido residir com sua família em um dos prédios da mesma Colônia, com o encargo de nele receber duas doentes, pelo menos, em condições de auxiliarem os serviços domésticos.

Art. 3.º O empregado a que se refere o artigo anterior, além dos serviços que lhe cumpre prestar na Colônia, assumirá, por si, sua família e fâmulos, o compromisso de zelar pelas doentes que lhe forem confiadas.

Art. 4.º O empregado que não tiver outros encargos, além dos previstos no artigo anterior, fica igualmente sujeito ao regime disciplinar e disposições regulamentares referentes ao **estabelecimento**.

Art. 5.º Para obter a residência de que trata o art. 2.º deverá o empregado requerer ao diretor da Colônia, declarando o número de pessoas de que se compõe sua família e assumindo todas as obrigações impostas pelas presentes instruções.

Art. 6.º O diretor, reconhecida a idoneidade do requerente, mandará que o alienista designe as doentes que devam receber essa assistência e que o administrador providencie para a concessão do **prédio**.

Art. 7.º O enfermeiro é obrigado a entregar à administração da Colônia a quantia de cem mil réis, para garantia da boa conservação do prédio por ele ocupado, uma apólice de seguro contra fogo do referido prédio, caso se ache este situado fora do perímetro da Colônia, e os recibos de depósito para fornecimento da luz e gás, cujo consumo correrá por conta do mesmo enfermeiro.

Parágrafo único. O administrador passará recibo da quantia e dos documentos entregues pelo enfermeiro.

Art. 8.º O enfermeiro assinará termo de responsabilidade pelas doentes que lhe forem confiadas.

Art. 9.º O enfermeiro será responsável pelo aseo e boa conservação do prédio, bem como pelos ligeiros reparos de que o mesmo necessitar.

Art. 10. Quando o enfermeiro não puder continuar a prestar a assistência doméstica, desocupará sem demora o prédio em que residir, sendo-lhe **restituído** o depósito respectivo quando verificadas as boas condições do **prédio**.

Art. 11. O enfermeiro é obrigado a participar a inspetora qualquer alteração do estado mórbido das doentes que lhe foram confiadas.

CAPÍTULO III

Disposições Gerais

Art. 12. As doentes mantidas na Assistência Doméstica deverão ser, pelo menos duas vezes por mês, visitadas pelos alienistas ou pelos assistentes, independentemente de aviso prévio.

Art. 13. Os prédios ocupados pelos enfermeiros serão mensalmente vistoriados pelo administrador.

Art. 14. A falta de cumprimento das presentes instruções importará na perda de todos os favores concedidos ao enfermeiro, o qual deverá, dentro do **prazo** de quinze dias, desocupar e entregar o prédio em que residir.

Art. 15. A alimentação das doentes confiada aos enfermeiros especiais correrá por conta da Colônia, observada a respectiva tabela.

Art. 16. Os casos omissos nas presentes instruções serão resolvidos pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores".

Sendo o orçamento aproximado de cada pavilhão-bangalô de 40:000\$, não se podia, com a verba de 100:000\$ consignada nas leis orçamentarias para a A.H.F., construir anualmente mais de dois pavilhões. Iniciava-se, é certo, todos os anos, a construção de um terceiro, mas isso só foi possível enquanto os novos **prédios** puderam ser localizados dentro do perímetro da Colônia.

Esgotadas tais possibilidades, a verba em apreço teve de ser também utilizada para fazer face às desapropriações de imóveis necessários à ampliação da verdadeira "vila de assistência familiar de insanos que começou a surgir, e que chegou a receber a denominação de "Vila Gustavo Riedel" ainda em vida do seu incansável animador.

A quem deseje ter ideia perfeita de qual o tipo arquitetônico dos bangalôs que foram construídos na área intra-colonial, bem como de qual a zona inteira cujos terrenos deveriam ser desapropriados para a criação de uma verdadeira "segunda Gheel" no Engenho de Dentro, indicamos a consulta ao primeiro número destes "Anais" (*Anais da Colônia de Psicopatas*, Engenho de Dentro, Brasil, 1928) onde se encontram nítidas reproduções fotográficas de alguns dos prédios e uma planta dos terrenos escolhidos.

Cada pavilhão construído ou prédio adaptado era logo confiado a famílias de funcionários distintos da Colônia, que recebiam, cada uma, duas doentes, de acordo com as condições estipuladas no regulamento (assistência familiar do tipo Uchtspringe).

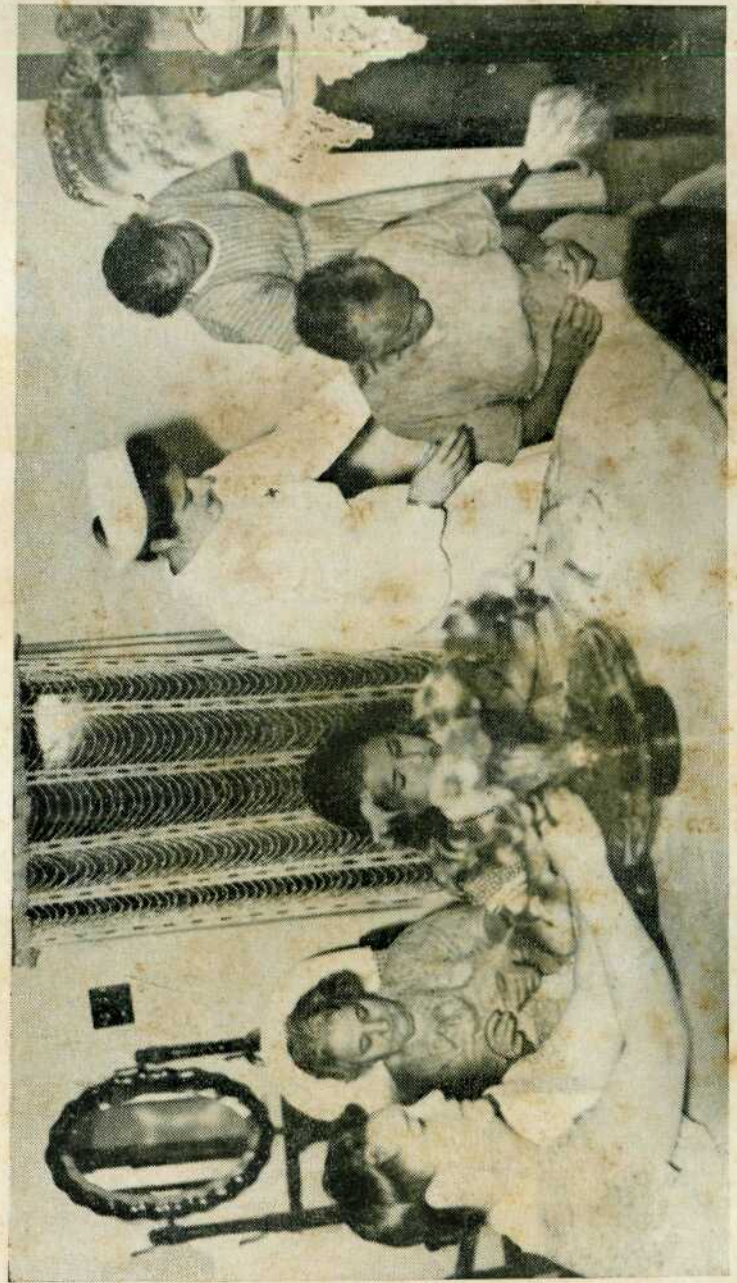
Em 1930 estava assim o patrimônio da Colônia, com a verba da A.H-F., acrescido de 17 prédios (um dos quais, de dois pavimentos, foi residência de médico interno e depois sede da diretoria).

O Governo Provisório consignou para 1931 a verba de 50:000\$0 destinada à A.H-F., não se encontrando no orçamento dos anos imediatos referência expressa a essa verba, porque passou, então, a ser dado englobadamente o *quantum* de "material permanente".

A esse tempo notavelmente aumentara a densidade demográfica do bairro do Engenho de Dentro, a par da sua rápida urbanização, de modo que a ideia da criação de um verdadeiro "município de assistência a insanos", no local, começou a afigurar-se menos exequível do que dois ou três lustros antes.

Com razão, entretanto, entraram os dirigentes dos nossos serviços de doentes mentais a cogitar em construir nos terrenos da Colônia um grande núcleo manicomial destinado a desafogar o superlotado e antigo Hospital da Praia Vermelha.

Organizado o plano do novo Hospital, logo se verificou que já para a primeira construção — a do Pavilhão de Psiquiatria Infantil, aliás excelente, e hoje em pleno funcionamento — tinha de se dar início à demolição dos prédios da A.H-F.



Visitadora social em um dos lares da Assistência Hetero-Familiar do Engenho de Dentro

Com o levantamento de novos edifícios do grande Hospital, outros prédios da referida Assistência teem sido demolidos, de modo que hoje o seu número está reduzido à quase metade.

Seria, por certo, injustiça dizer que esses fatos revelam, por parte dos dignos e competentes dirigentes, qualquer hostilidade à assistência hetero-familiar de insanos, considerada em tese.

Como prova do que afirmamos, podemos, *data vénia*, informar que o Prof. Aduino Botelho, o esclarecido e dinâmico diretor atual do Serviço Nacional de Doenças Mentais, pensa futuramente instituir a A.H-F. em Jacarepaguã, ao lado da Colônia Juliano Moreira.

Realmente, a vizinhança de um grande estabelecimento de doentes crônicos, afastado do centro urbano, como é aquela Colônia, será uma ótima localização para que esta modalidade de Assistência possa expandir-se como deve.

Seja-nos, porem, lícito aduzir, neste processo, algumas sucintas ponderações que — se não laboramos num erro de apreciação por excessiva auto-longanimidade — bastariam para justificar o presente artigo.

Queremos fazer alusão, em primeiro lugar, ao grande equívoco em que incidiriam os que supusessem não ter mais razão de ser a A.H-F. de tipo Uchtspringe no Engenho de Dentro, desde que não subsista a atual Colônia de Alienadas Crônicas adultas, com a transferência de todas as doentes para a Colônia Juliano Moreira, hoje mista.

Sim. Devemos lembrar-nos de que o primeiro estabelecimento trasladado recentemente da Praia Vermelha para o local da Colônia "Gustavo Riedel" foi o já nomeado Pavilhão de Psiquiatria Infantil, e que, em psiquiatria infantil, um dos melhores recursos assistenciais é a chamada "transplantação familiar", isto é, o tratamento educativo dos menores em lares de nutrícios já treinados em reeducação de doentes mentais, como são as famílias dos funcionários de nossa Colônia encarregados há longos anos desse tipo de assistência.

Afim de que não se vislumbre nessas palavras o empenho puramente amistoso de defender os nossos companheiros, vamos ceder a palavra a outro alienista, de todo insuspeito para se pronunciar sobre este sempre momentoso tema.

Trata-se do brilhante especialista, Dr. Edgar Guimarães de Almeida, hoje diretor do Hospital Psiquiátrico, que, em artigo aqui publicado, em 1936, sob a epígrafe "Considerações em torno da delinquência de menores", escolheu para remate os seguintes conceitos a mais não ser expressivos :

"Estes serviços (os reeducandários para menores delinquentes) muito se assemelham aos de assistência hetero-familiar, para insanos, do qual **possuimos** um na Colônia de Engenho de Dentro, de valor **inestimável**.

Com a possibilidade de transformação da Colônia de Engenho de Dentro em Hospital para Pensionistas e menores, útil será o aproveitamento parcial do atual serviço de assistência hetero-familiar para reeducação e readaptação de menores, nos moldes do Albany Orphan Asylum".

Não se poderia dizer melhor. Mas o psiquiatra brasileiro encarou apenas o problema da assistência familiar dos menores.

Pois, bem. Vamos **omstrar**, com o amparo de autoridades de alto merecimento, *que também para assistir a doentes adultos não crônicos* — (os doentes do futuro Hospital de Psicopatas do Engenho de Dentro, pensionistas, ou não) — também nessa eventualidade aparecem não poucas indicações para a assistência hetero-familiar.

É sobretudo na delicada fase de convalescença das psicoses agudas que pode ser utilíssimo o concurso da A. H-F., propiciando a readaptação dos doentes ao meio social.

Em o n. 1 de 1932 dos "Arquivos Brasileiros de Higiene Mental" tivemos ensejo de descrever a excelente organização post-manicomial italiana, denominada "Casa de Convalescença", conforme os dados publicados pelo seu fundador, o Prof. Tirelli, de **Turim**, em outubro de 1931.

Sob o aspecto moral, referia esse alienista ilustre, a C. de C. opera verdadeiros milagres, quando, por exemplo, corrige as vivazeas tendências à prostituição em mulheres jovens anormais; quando atalha certos pendores manifestos para o alcoolismo, ou ainda quando modifica formas hebefrênicas leves e iniciais, mediante o exercício da vida sã e das distrações adequadas, ou, enfim, quando encaminha para o trabalho, em liberdade, isto é, para a vida, certos doentes de formas mentais tórpidas.

Sob o aspecto social, o que de mais proveitoso apresenta a C. de C. é o fato de somente devolver os doentes à sociedade depois de operado o seu reajustamento, o que torna improváveis as recaídas.

Até aí o psiquiatra de Turim. Não podemos deixar, entretanto, de referir também aqui o abalizado parecer de dois luminares da psiquiatria uruguaia, os Profs. Drs. António Sicco e Elio Garcia Ausst, que, no seu admirável relatório apresentado ao Diretor da Assistência Pública do país vizinho, em maio de 1931, destacam, entre as *indicações essenciais* da A. H-F. "la conveniência de coope-
rar a la assistência que se presta en el Hospital, en especial durante la convalecencia de psicosis agudas, a enfermos que **habria** interés en someter, antes de reintegrados por completo al médio habitual a una prueba de vida libre, pero controlada". (*)

Mas podemos ir mais longe. Podemos invocar a já antiga experiência do próprio estabelecimento de **Uchtspringe**, na palavra de um dos respectivos médicos, o Dr. Stamm, em sua comunicação ao famoso II Congresso de Assistência aos Alienados reunido em 1906, em Milão. Na verdade, tão expressivos foram os fatos trazidos por esse psiquiatra tudesco, que, ao finalizar ele a leitura do seu trabalho, o ilustre especialista francês, Dr. A. Marie, disse que "se felicitava pelos felizes resultados" do colega estrangeiro, quanto à "ação terapêutica do regime familiar aplicado aos alienados convalescentes". E acrescentava: "Não há dúvida alguma de que a assistência familiar seja, além de um meio de combater a superlotação de crônicos, também um instrumento terapêutico dos curáveis. Ao lado do Hospital aberto de tratamento dos agudos, o patronato familiar de convalescença e de tratamento tem o seu lugar".

Diante disso haverá ainda quem queira extinguir por completo a Assistência Hetero-familiar fundada por Gustavo Riedel ?

Existe, contudo, outro aspecto interessante em conexão com a A. H-F. e com os manicômios em geral, que desejamos focalizar.

(*) Ao Dr. Rafael Rodriguez, outro eminente psiquiatra uruguaio especializado em questões de assistência hetero-familiar, e a quem tivemos ensejo de mostrar a A. H-F. do Engenho de Dentro, devemos o conhecimento deste relatório, que teve a gentileza de nos enviar de Montevidéu, em um número da "Revista de Psiquiatria del Uruguay", com anotações do seu próprio punho.

tanto mais quanto é assunto sobre o qual, salvo engano, nada se tem escrito até hoje, pelo menos em conjunto.

Referimo-nos aos *moradores das casas vizinhas dos manicômios*, enfim, ao *ambiente humano peri-manicomial*.

Do ambiente em apreço apenas as casas de bebidas teem merecido a atenção dos higienistas sociais, que não deixam de pedir aos Poderes Públicos seu fechamento ou sua remoção para outros pontos. Sirva-nos o ensejo para citar um fato edificante, de quase toda gente ignorado, mas que sem dúvida merece ficar na história da Colônia Gustavo Riedel. É o caso que, pouco depois da fundação deste estabelecimento, viera localizar-se bem em face da portaria, à esquina das ruas Maria Flora (hoje Ramiro Magalhães) e Luiz Carneiro (hoje Gustavo Riedel) um botequim dos maia desalinados, onde logo começaram a fazer ponto ébrios e malandros, em suas costumeiras manifestações de desrespeito à moral. Justamente indignado, o Dr. Braule Pinto, primeiro diretor da Colônia de Mulheres, pôs-se em campo para obter o saneamento do foco infeccioso, e tanto fez junto aos seus amigos do antigo Conselho Municipal, que o botequineiro foi, afinal, compelido a mudar-se.

Não se limita, porem, repetimos, às casas de bebidas a vizinhança nociva para um hospital ou colônia de doentes mentais.

Menos horripilante não será, de certo, — o caso não é imaginário — ver um manicômio defrontando um lupanar-macumba, onde, através de cortinas complacentes, se passam cenas que determinam providências drásticas para não se transformarem em plateias de incrível mambembe as severas janelas de Hitzig dos dormitórios de psicopatas.

E a grei inextinguível dos conquistadores de doidas mansas; e os *pivettes* já taludos sempre à espreita de instantes propícios para suas *razzias*; e os simples garotos escalonados desde o quebra-vidraças, que joga a pedrada e desata a correr, até ao vaiador das doentes entrevistas por entre a folhagem das cercas; e os adultos desocupados que vivem a espionar o interior manicomial para tirarem do que veem conclusões erradas ou malignas, — enfim, a lista dos maus vizinhos é, como se vê, das mais variadas.

No Engenho de Dentro temos visto todos esses espécimes, embora, apressemo-nos em frisar, tudo isso represente insignifi-

cante minoria, ao lado das famílias, em regra não **abastadas**, mas distintas, residentes nas 4 ruas que enquadram a **Colônia**, e nas imediatamente próximas. E as famílias das circunvizinhanças manicomiais terão, por sua vez, todo o direito de reclamar quando, acaso, por culpa do manicômio, tenham o seu sossego **perturbado**. Sabemos que, não há muito, chegou a esboçar-se, entre os moradores da zona **peri-colonial** no Engenho de Dentro, um movimento para solicitar do Governo continuassem a ser assistidas no futuro Hospital apenas doentes mulheres, pois os **alienados-homens** constituiriam sempre uma ameaça latente para a **população**.

Por tudo isso, é claro que o ideal seria haver predominância de casas residenciais de funcionários da Colônia na zona em apreço .

Ora, não sendo possível obrigar os funcionários a irem morar em determinados logradouros, com **prejuízo** dos seus interesses, a solução seria manifestamente proporcionar-lhes casas para assistência hetero-familiar de novos doentes nessas ruas da periferia da Colônia, ou, antes, do futuro Hospital "Gustavo Riedel".

Já o fato se verifica na quadra da rua Bernardo fronteira ao Hospital, pois, dos 15 prédios ali existentes, oito pertencem à **A.H-F.**, são os restos quase totais da **A.H-F.** iniciada em 1920, e não em 1928 como diz, por engano, o Prof. Lopes Rodrigues (*op. cit.*, pág. 108).

Assim, julgamos não fora acertado pleitear da Prefeitura, como em tempo se pensou, o fechamento desse trecho de rua, no objeto de por abaixo os pequenos prédios em questão, e levantar, ali, novas construções de grande vulto, **intramanicomiais**.

Não. Justamente o que nos parece mais em harmonia com o espírito da psiquiatria moderna é isolar o menos possível o manicômio do meio social, e para isso muito contribuirão os organismos intermediários que atuam como amortecedores, entre os quais merece lugar de relevo a assistência doméstica dos insanos convalescentes.

Talvez os nossos antigos psiquiatras não tivessem cogitado deste assunto, por não haver o problema se apresentado nunca em caráter sério para o velho Hospital Psiquiátrico da Praia Vermelha. Este, de fato, além de ser, como sabemos, murado na pluralidade de suas faces, limitava-se, de um dos lados, com

outra instituição, e tem como vizinho de frente o mar, a maravilha apaziguante da Guanabara...

E agora uma palavra ainda para fazer um balanço geral das atividades da A.H-F., desde seu primórdio até este momento que podemos dizer crucial de sua evolução.

Em entrevista recente à imprensa carioca, há quem se tenha referido com francos elogios à assistência hetero-familiar "no tempo de Gutsavo Riedel", parecendo, entretanto, insinuar um confronto entre o passado e o presente...

Ora, como no tempo do grande remodelador da nossa assistência a psicopatas, era o autor deste artigo o médico encarregado da A.H-F. e mereceu do seu chefe de então generosas referências, quer no relatório "Cinco anos de administração no Engenho de Dentro", quer na memória "L'Hygiène Mentale au Brésil", apresentada ao Congresso de Propaganda de Higiene Social, de Paris, — julga-se agora, por seu turno, no dever de louvar (não entretanto, por generosidade, mas por justiça) a dedicação de todos os colegas que em seguida serviram no mesmo posto, e que tem sido a pluralidade dos psiquiatras em exercício na Colônia.

De um deles, o Dr. Gustavo de Rezende, obtivemos, em 1938, que, com o concurso do saudoso administrador da Colônia, Dr. Álvaro Cardoso, distinto jurista, elaborasse um projeto de regulamentação da A.H-F., para substituir o antigo regimento interno de 1921, aproveitando a experiência de todos nós, mais precisamente: a experiência dos serviços cariocas, paulistas e pernambucanos, para uma nova regulamentação.

Outro colega cuja ação na A.H-F. também devemos por em destaque é o Dr. J. Pinto de Mesquita, médico do referido serviço em 1939. Tivemos o seu concurso para a organização da ficha proposta ao fim deste trabalho. E ainda outro companheiro, o Dr. Mirandolino Caldas, que foi dedicado médico residente da A.H-F., em 1934-35, em parte se inspirou nas próprias observações, colhidas *in toco*, para escrever o seu bem lançado artigo sobre "Municípios-manicômios" ("Arquivos Brasileiros de Hig. Mental", 1935). Por fim, neste momento, acaba de assumir a chefia da A.H-F. o proficiente psiquiatra Dr. Robalinho Calvanti, de quem muito também devemos esperar.

Antes de inserir a ficha a que aludimos acima, acentuemos entretanto, ainda algumas particularidades da A.H-F. da Colônia, à guisa de balanço geral, como foi dito.

O fato dominante, podemos afirmar, numa visão global de tal serviço, vem a ser, sem a menor dúvida, a seleção rigorosa dos "nutricios", que nunca deixou de ser efetuada.

Para comprovar a resistência que, por vezes, temos tido que opor a certos candidatos a chefe de lar sem todos os requisitos necessários (não basta ser um funcionário público cumpridor de seus deveres!) podemos referir um fato expressivo cuja documentação se acha, aliás, arquivada na Secretaria da Colônia.

Ilustre chefe de gabinete ministerial, que ao prestígio do cargo acrescentava ainda o de suas nobres qualidades pessoais, como grande intelectual e belíssimo coração, interessou-se, há alguns anos, para servir a interposta pessoa, por determinado funcionário da Colônia, de modesta categoria, que insistentemente solicitava uma das casas da A.H-F., em via de ser desocupada. E, assim, recebemos o primeiro pedido, através de carta oficial de nosso chefe imediato, a quem se dirigira o alto funcionário citado. Como não era possível aceder, protelamos a resposta. Decorrido algum tempo, é o pedido reiterado. Então, embora a contra-gosto, vimo-nos forçado a declarar oficialmente que a pessoa solicitante não apresentava, de modo algum, as qualidades necessárias para reeducar um doente mental, encerrando-se desse modo a questão.

Como resultado compreensível desse zelo na seleção, pode a A.H-F. da Colônia Gustavo Riedel ufanar-se de não se ter verificado jamais um acidente grave com as doentes (cerca de 250) tratadas, em 22 anos, nos seus serviços, valendo a pena acentuar especialmente não haverem nunca ocorrido casos de gravidez.

Este último ponto — como tudo o que diga respeito a acidentes sexuais — é de real importância para os créditos do sistema de assistência que estamos considerando. Ainda recentemente, nos Estados Unidos, segundo nos refere o notável mentalista e estatístico, Sr. Horácio M. Pollock ("Mental Hygiene", outubro de 1941) sofreu a A.H-F. uma campanha de imprensa por ter certa jovem se queixado de que um negro quisera agredí-la, entende-se sexualmente. Embora o agressor não fosse identifica-

do, logo se **suspeitou** de um doente "colored" tratado na **A.H-F.**, recambiando-se por isso o mesmo para o Hospital.

Sirva, aliás, a oportunidade para notarmos que, de modo geral, para esta assistência de tipo doméstico, são as mulheres mais indicadas que os homens.

Tirelli, citado páginas atrás, já havia verificado a quase impossibilidade de organizar as suas "Casas de Convalescência" p?ra doentes do sexo masculino.

Também não é aconselhável, por motivos óbvios, uma *co-assistência dos sexos*, homóloga da co-educação, tão justamente recomendada pelos pedagogos da infância.

Quanto à seleção das pacientes na **A.H-F** do Engenho de Dentro, **tambem** foi sempre cuidadosa como a dos cuidadores, sendo **excluídas** quase sem exceção as portadoras de certos diagnósticos, epiléticas, **neuro-luéticas**, dementes ou idiotas sórdidas, personalidades psicopáticas com agressividade, etc.

Tal foi sempre, todavia, a qualidade excepcional dos nutrícios, que, por **vezes**, se tornou **possível** manter, com vantagem, em certos lares, doentes à primeira vista inadequadas a este género de assistência, como alguns exemplos o podem comprovar.

Assim, na família da atendente-enfermeira **D. P. S.**, esteve, durante cerca de dois anos, a paciente **M. Al.**, psicose **maniaco-depressiva**, síndrome histeroide, (?) que era em extremo carinhosa com as crianças da casa, mas costumava confidenciar, mitomaniacamente, às pessoas adultas achar-se em estado interessante, apontando os autores de sua gravidez. Quando a atendente em apreço a devolveu à Colônia, pediu o exame ginecológico da paciente, sendo verificada a sua virgindade perfeita.

Outro exemplo digno de nota é o da doente Rosa, na casa da atendente-enfermeira **C. T. S.** Nesse lar, que, durante mais de 12 anos, tem funcionado como verdadeiro reeducandário modelo, a doente citada, oligofrênica, quando ingressou, era de uma sordidez extrema (**excreta**), parecendo insuscetível de correção sob esse **aspecto**. Pois tal foi a paciência extraordinária com que a atendente **C.** e sua família se consagraram à tarefa de lhe inculcar hábitos de asseio, que hoje esse **propósito** pode dar-se como **conseguido**.

Outra paciente que também merece citação especial foi **J. G. S.**, assistida no lar da nutrícia enfermeira **M. B.** e de suas duas irmãs também **enfermeiras**. Nos primeiros tempos, era a referida alienada presa de uma intensa e **polimorfa "androfobia"**, pois em toda a parte julgava estarem homens com o propósito de a perseguir. Essa convicção mórbida, muitas vezes francamente alucinatória, quando, por exemplo, sentia homens atuando no seu próprio corpo, foi desarraigada pouco a pouco, graças a uma psicoterapia persuasiva, ininterruptamente exercida pelas três enfermeiras.

Para a casa da atendente enfermeira **M. A. F.** foi a doente **I. F.**, que ao passo que na Colônia frequentemente tinha de ser recolhida à sala de agitadas, por brigas com as companheiras, no referido lar sempre se mostrou cordata como pessoa normal (esta ocorrência, aliás, se tem verificado nos lares de outros nutrícios, com outras doentes).

No lar da nutrícia **E. M. O.**, mestra de costura, ocorreu também um caso merecedor de especial registro, embora se trate de aspecto diferente dos que acima foram relatados. Uma doente que ali permanecia já durante dois anos foi, ao fim desse lapso de tempo, devolvida com razão à Colônia, pelo fato de haver dito, certa vez, que desejava furar os olhos de uma das **filhas** da chefe de lar, por serem muito grandes (!) (Esse caso comprova, de modo expressivo, duas coisas: **a)** que um **alienado** pode tornar-se, de súbito, perigoso, apesar de seus bons antecedentes; **b)** que, entretanto, uma vigilância perfeita, como tem sido a da **A.H-F.**, durante seus 22 anos de funcionamento, anula praticamente os **possíveis riscos**).

Não tem conta os casos de doentes cuja iniciativa se ia progressivamente anquilosando na Colônia, e que, na **A.H-F.**, criaram vida nova, entregando-se, dentro de prazo mais ou menos breve, com manifesto prazer, às lides domésticas.

Não poucas doentes voltaram aos seus lares, às vezes fora do Distrito Federal, transitória ou definitivamente reajustadas.

Agora, um tópico em relação ao qual devem ser aduzidas algumas ponderações é o que se refere ao "prazo de permanência" das doentes na **A.H-F.**

Na **A.H-F.** do Engenho de Dentro há o caso *record* de uma doente que ficou em um dos lares durante H anos, vindo a morrer lá mesmo, em um súbito colapso cardíaco, quando já em avançada idade.

De uma feita, um dos médicos sugeriu o **prazo** médio de 2 meses de **permanência**. Decorrido que fosse este, sem melhora **nítida**, seria a doente recambiada para a Colônia. Fez-se a experiência, mas, tendo algumas das doentes retiradas manifestado seu desgosto, chorando e lamentando-se, não se prosseguiu o **ensaio**.

O afeto de muitas doentes pelos nutrícios **exterioriza-se**, às Vezes, por formas **inéditas**. Assim, no lar da atendente **A. F.**, uma paciente, desejosa de fugir para sua própria casa, fingiu uma intercorrência, afim de ser reconduzida à enfermaria da **Colônia**, e daí tentar a fuga, sem comprometer o **nutrício**... Evadiu-se, de fato, mas a família logo a trouxe de novo, confessando a doente, então, o seu ardil. Também não é raro o "ciúme" intenso de que ficam **possuidas** certas doentes, no anseio de melhor servir o nutrício, sendo necessário, em tal conjuntura, mudar uma delas para outra casa.

No tocante à questão do prazo, não resta dúvida, sem embargo, que seria desejável estabelecer uma média razoável de permanência das pacientes na **A.H-F.**, sobretudo quando aí se assistirem doentes **convalescentes**.

Lembramos, a propósito, que Hermann Binswanger, em seu artigo "Experiências médicas sobre assistência familiar de los enfermos **mentales** en el cantón de Zurich", publicado em o n. 2, de 1939, da revista "Index" de Buenos Aires (tradução castelhana de Pichon-Rivière), adota o critério de que se deve dar como resultado negativo todo caso no qual o doente não tenha podido permanecer por mais de seis meses na **A.H-F.**

Antes de concluir, deixaremos consignadas nestas páginas, para qualquer identificação futura, as iniciais dos nomes de todaos os nutrícios, com as respectivas funções exercidas na **Colônia**, ao tempo de seu compromisso para servir a **A.H-F.** Da lista de 38 chefes de lar assistencial, para a qual, em seguida, abrimos espaço, permanecem na **A.H-F.**, neste momento, — agosto de 1942 — os primeiros dez nutrícios citados :

1.º C. de C. Atendente (**Inspetora**). — 2.º A. L. Escriturário. — 3.º C. T. S. — 4.º L. P. C. Atendente — 5.º M. P. Trabalhador B. — 6.º C. J. J. Atendente — 7.º H. R. B. Telefonista. — 8.º E. C. C. Servente. — 9.º M. P. M. Servente. — 10.º A. L. S. Chefe de Portaria. — 11.º J. S. M. Carpinteiro. — 12.º D. P. S. Atendente. — 13.º F. S. M. Motorista. — 14.º M. A. A. Monitora de Higiene Mental. — 15.º M. N. Trabalhador. — 16.º E. M. O. Mestre de ensino. — 17.º P. C. M. Enfermeira. — 18.º C. P. Atendente. — 19.º S. A. S. Auxiliar de farmácia. — 20.º O. C. M. Zelador. — 21.º M. M. Atendente. — 22.º I. H. M. Atendente. — 23.º A. R. Inspetora. — 24.º M. E. G. Enfermeira. ~ 25.º M. W. Atendente. — 26.º A. S. Inspetora. — 27.º J. F. C. Atendente — 28.º P. D. G. Enfermeira. — 29.º J. N. M. Servente. — 30.º M. A. F. S. Atendente. — 31.º F. A. Foguista. — 32.º A. F. Servçal. 33.º H. S. Carpinteiro. — 34.º E. N. D. Servente. — 35.º A. S. C. Ajudante de motorista. — 36.º M. B. Atendente. — 37.º C. P. Enfermeira. — 38.º A. C. D. Servente.

Concluiremos, fazendo votos para que a assistência hetero-familiar do Engenho de Dentro, ao invés de ser extinta, seja ampliada, destinando-se sobretudo a doentes agudos e sub-agudos em convalescença, quer indigentes, quer pensionistas.

Para que se realize a ampliação necessária, seria altamente recomendável fossem feitas novas desapropriações de imóveis, na periferia manicomial, de forma que, no futuro, venha a ser a mais brilhante realidade a iniciativa tão promissoramente iniciada por Gustavo Riedel .

No referente à bibliografia sobre assistência hetero-familiar, devemos indicar, quanto a trabalhos brasileiros, além dos já citados neste artigo: — a magnífica contribuição do saudoso Professor Franco da Rocha — pioneiro do sistema em terras sul-americanas — que pode ser lida em sua monografia "Vinte anos de assistência aos alienados de S. Paulo", 1912; o artigo do Dr. Gustavo de Rezende sobre "Assistência hetero-familiar", vindo a lume no 1.º número dos "Anais da Assistência a Psicopatas", e a regulamentação da **A.H-F.** pernambucana, de que se terá notícia no trabalho "A assistência a psicopatas em Pernambuco" (ideias e realizações) do Prof. Ulisses Pernambucano. Quanto

a trabalhos estrangeiros, podemos aconselhar ao leitor a bibliografia inserta no trabalho citado páginas antes, do Dr. Hermann Binswanger, frisando, entretanto, que nessa bibliografia não se alude às notáveis comunicações sobre A.H-F. apresentadas ao Congresso Internacional de Milão, de 1906, por especialistas dos mais cultos países da Europa. (Foi nesse mesmo Congresso que o Dr. L. Frank, de Zurich, apresentou a sua célebre proposta para a fundação de um Instituto Internacional de pesquisas psiquiátricas, visando a profilaxia das doenças mentais, ideia que juliano Moreira logo aplaudiu, que Lombroso classificou de genial, e que, entretanto, não merece alusão nenhuma em vários ensaios históricos sobre o movimento pró-higiene mental que temos lido ultimamente).

ASSISTÊNCIA HETERO-FAMILIAR DA COLÔNIA GUSTAVO RIEDEL

FICHA N. 54 (*)

Doente — Eva Maria da Conceição III. Entrada na A.H-F. em 30-2-1939.

Dados para identificação — Brasileira, carioca, parda, 35 anos, filha de J. C. e M. C., solteira, católica, alfabetizada, doméstica, imunizada contra a varíola e contra o tifo, residente à Rua 31 de Abril n. 77, matriculada na C.G.R. sob o n. 9999.

Observação clínica — L. 12, fls. 16 — Ficha Genealógica n. 57.

Exame ginecológico — Verificado o estado de virgindade perfeita imediatamente antes da transferência para a A.H-F.

Quociente intelectual — Binet-Terman — 80.

Psico-diagnóstico de Rorschach — Tipo coarctado.

Questionários aplicados — Woodsworth: instabilidade emocional.

Outros exames — Ergografia: ergograma de curva côncava.

(*) Esta ficha é esquemática, não sendo, pois, reais nem os nomes próprios, nem os nomes das ruas, nem as datas citadas. Os dados, entretanto, cora que foram preenchidas várias rubricas, correspondem, na sua pluralidade, a fatos realmente observados, embora não todos eles com a mesma doente e a mesma família de nutrícios. Pareceu-nos mais expressivo proceder deste modo do que deixar a ficha em branco.

Boletim de vigilância — Ass. pela Enfermeira F. R., em 30-2-1939.

Comportamento progresso — Nada digno de nota, além de algumas altercações com certas companheiras de recreio, na Colônia.

Fichas precedentes da A.H-F. — N. 18 e 42.

Aptidões — Metódica e asseada, pode prestar-se bem para trabalhos de costura e rendas.

Estado psicopatológico e somático — Raramente alucinada. Solilóquios. Humor desigual. Dismenorréia acompanhada de insônia. Wass. negativo no sangue. Radioscop.: hilos pulmonares levemente espessados. Escarro e von Pirquet negativos. Não há ovos de parasitas nas fezes. Ausência de elementos patológicos na urina. Pressão: Mx. 12; Mn. 8½ (Pachon). Dinamometria manual: M. D.: 24.M.E.: 13 (escala de pressão).

Entregue ao lar de Manoel M. Ramos. — Saida da A.H-F. em ...

Composição do meio hetero-familiar — Marido, esposa, três filhos menores e uma filha maior.

Componentes da família que servem na Colônia — Somente o cônjuge feminino, enfermeira diplomada.

Condições higiênicas do local e de saúde da família — Local ainda sem urbanização perfeita, porem casa aseada, bem insolada, de tipo bangalô, com jardim e quintal. Não há casos de doenças crônicas contagiosas ou repugnantes.

Nível educativo — Família de bons hábitos e de bons precedentes, embora de instrução apenas mediana. Assinou o chefe do lar o compromisso de não ter nunca bebidas alcoólicas em casa.

Benefícios da A.H-F., a que faz jus a família — Residência gratuita em casa independente, próxima à Colônia e serviços domésticos prestados pelas doentes, que recebem suas rações alimentares enviadas pela Despensa do Estabelecimento.

Quantas doentes teem da A.H-F.? — 2. Quantas tiveram desde que residem na A.H-F.? — 5.

Ocorrências — A paciente foi trazida em 15-4-940 a esta Colônia, onde baixou à Sala Paulo Costa, de agitadas, por ter na A.H-F. revelado alguma irritabilidade diurna e inquietação noturna, que não persistiram.

Anotações do médico — Só duas vezes foram feitas ligeiras observações quanto à qualidade de trabalho que estava sendo dado à doente e quanto ao local em que era executado, com prejuízo da visão e do bem estar da paciente. Foram solicitados e fornecidos conselhos quanto à recreação e leituras mais apropriadas.

Aproveitamento — A desarmonia do tom afetivo, sob a forma de irritabilidade do humor, só se manifesta durante o catamênio, mas já sem insônia e solilóquios.

HETERO-FAMILIAR ASSISTANCE IN ENGENHO DE DENTRO

The author, Dr. Ernani Lopes, director of "Gustavo Riedel Colony, former Psychopathic Women Colony of "Engenho de Dentro", a suburb of Rio de Janeiro, recapitulates, firstly, in its history, the Family Care, of Uchtspringe type, instituted in the periphery of the Colony by its late and remarkable director Dr. Gustavo Riedel, in 1920. Reporting the transformation that is being done now, of the Colony into a big Acute Insane Hospital, he says he does not see in it any ground not to continue the Family Care, consacrated then, principally, to the sick in the way of convalescence. By the way, he emphasizes it would be advantageous, if the families of the nurses and guardsmen lived in the immediate neighbourhood of all insane hospitais, what could be obtained by supplying them with houses for hetero-familiar assistance. As to Gustavo Riedel Colony, that is already observed in one of the four streets that surround it. It would be to forbid, legally, on the contrary, the opening in the neighbourhood of saloons, prostibules, gambling-houses, that is to say any living or trade-house that could a troubling element to the hospital.

The author emphasizes, presently, that, in 22 years it has been acting, the Hetero-familiar Assistance of Gustavo Riedel Colony registered no serious accident as suicide, violent aggression, fire, pregnancy, etc. He details a series of cases clearly, favourable and concludes by presenting a schematic card to be used in the reported assistencial service.

IMPRESA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1943